

Paulo A. E. Borges

Universidade de Lisboa



Professor do Departamento de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e investigador do Centro de Filosofia da mesma Universidade. Coordenador do Seminário Permanente *Vita Contemplativa. Práticas Contemplativas e Cultura Contemporânea*. Presidente do Círculo do Entre-Ser, associação filosófica e ética. Doutor Honoris Causa pela Universidade Tibiscus de Timisoara, Roménia, em 2017. Autor de centenas de comunicações e conferências, artigos e outros textos em revistas científicas e obras colectivas, publicados em Portugal, Espanha, França, Itália, Alemanha, Roménia, Turquia, EUA, Índia e Brasil. Autor e organizador de 51 livros de filosofia, poesia, aforismos, ficção e teatro.

cv: <http://www.tmp.lettras.ulisboa.pt/departf-los-docentes/672-pauloborges>

E-MAIL: pauloeborges@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0973-556X>

Abertura da Consciência e Mudança de Civilização. Repensar a Natureza, a Terra e Eros a partir de Hesíodo

RESUMO: Procuramos investigar se a crise ambiental contemporânea e algumas reacções ecológicas a ela não procedem de um mesmo modelo dominante de percepção da realidade, em que a Natureza e a Terra surgem como um objecto, a explorar ou a defender, perante o sujeito humano. Para tal, procede-se a um repensar da Natureza e da Terra a partir das três primeiras instâncias da teocosmogonia de Hesíodo - Caos, Gaia e Eros - e propõe-se que só uma abertura não-dualista da consciência pode originar uma mutação civilizacional.

PALAVRAS-CHAVE: NATUREZA, TERRA, EROS, CONSCIÊNCIA, CIVILIZAÇÃO

Opening Awareness and Civilizational Shift. Rethinking Nature, Earth and Eros from Hesiod

ABSTRACT: We seek to investigate whether the contemporary environmental crisis and some ecological reactions to it do not come from a same dominant model of reality perception, in which Nature and Earth appear as an object, to explore or defend, before the human subject. For this, a rethinking of Nature and Earth is made from the first three instances of the theocosmogony of Hesiod - Chaos, Gaia and Eros - and we propose that only a non-dualistic opening of awareness can lead to a civilizational shift.

KEYWORDS: NATURE, EARTH, EROS,
CONSCIOUSNESS, CIVILIZATION

Abertura da Consciência e Mudança de Civilização. Repensar a Natureza, a Terra e Eros a partir de Hesíodo

Paulo Borges
Universidade de Lisboa

Nunca como hoje, em que no chamado Antropoceno ocorre uma extinção massiva da biodiversidade gerada por causas humanas, se falou tanto de crise ambiental e da necessidade urgente de preservar a Natureza e a Terra. Como reacção a um ciclo de civilização que olha para a Natureza e a Terra como uma reserva inesgotável de recursos a explorar para satisfazer as necessidades, os interesses e os desejos dos seres humanos, surgem a ecologia e o ambientalismo que as visam proteger dessa exploração, seja para preservar os seres humanos das suas consequências nocivas, como na ecologia superficial ou antropocêntrica, seja para preservar o mundo natural e terreno, ao qual se reconhece um

in: Ethos humano e mundo contemporâneo. Diálogos e estudos.

Organização e Coordenação Sandra Patrício
Editora Baracoa – 2019

valor intrínseco, como na ecologia profunda, segundo a distinção estabelecida por Arne Naess ¹.

Cabe todavia interrogar se a reacção às consequências extremas de um ciclo de civilização não pode fazer parte ainda do mesmo ciclo de civilização e se não se impede, com isso, de se abrir a um novo começo. Cabe também interrogar se um ciclo de civilização não supõe sempre um ciclo de consciência e de cultura, ou seja, um modo predominante de perceber a chamada realidade, e se as reacções ecológicas à exploração da natureza pela civilização do capitalismo ou socialismo industrial, produtivista e tecnocientífico se movem num outro regime de consciência e de percepção da natureza das coisas que inaugure a possibilidade de uma nova cultura e de uma nova civilização. Cumpre assim primeiro que tudo interrogar o que são na verdade essa Natureza e essa Terra que uns consideram legítimo explorar e rentabilizar para benefício da espécie humana, ou da economia capitalista mundial, e outros consideram imperativo proteger para salvar o seu valor intrínseco ou para salvaguardar o ser humano, na medida em que dela não está separado e sofre as consequências da sua actividade predadora, pondo mesmo em risco a sua sobrevivência por via das alterações climáticas, do esgotamento dos recursos naturais, da poluição do solo, da água e do ar, conforme repetidamente alertam os relatórios científicos. Não haverá à partida, nesta visão da Natureza e da Terra como algo a explorar ou a proteger, algo de estranhamente comum, precisamente a ideia da Natureza e da Terra serem um *ob-jecto*, ou seja, algo que está aí fora, como uma entidade existente em si e por si, *lançado contra* o sujeito que o percebe como distinto de si mesmo?

¹ Cf. ARNE NAESS, "The Shallow and the Deep, Long-Range Ecology Movement. A Summary", *Inquiry*, 16 (1973), pp.95-100.

Não haverá aqui uma dualidade inscrita nos hábitos de percepção e por consequência nos planos de acção de muitos dos próprios pensadores e activistas que mais rejeitam essa dualidade, como é o caso dos adeptos da ecologia profunda? O que poderão ser então a Natureza e a Terra e que possa estar a escapar quer aos seus agressores, quer aos seus defensores? Tomemos apoio, na nossa reflexão, num dos textos fundadores da cultura ocidental, a *Teogonia* de Hesíodo, do século VIII AEC.

Invocando as Musas para que lhe contem como nasceram os deuses e todas as coisas, “começando pelo início”, a palavra inspirada do poeta declara, no que nos propomos interpretar como uma história vertical da constituição do mundo como um todo:

“Então, antes de tudo, foi o Caos; depois Gaia de largos flancos, fundamento seguro para sempre oferecido a todos os viventes, e Eros, o mais belo entre os deuses imortais, aquele que desfaz os membros e que, no peito de todo o deus como de todo o homem, domina o coração e o sábio querer”²

As três instâncias originárias, que se sugere terem aparecido sucessivamente, são Caos, Gaia e Eros. Todavia, a sua sucessão pode não ser horizontal e temporal, mas antes vertical e deste modo dar-se intemporalmente e a cada instante³.

2 Cf. HESÍODO, *Teogonia*, 116-122. Seguimos a tradução de Paul Mazon, com excepção da designação das três instâncias iniciais, onde mantivemos os termos gregos, em vez de “Abismo”, “Terra” e “Amor”: HESÍODO, *Théogonie*, in *Théogonie / Les Travaux et les Jours / Le Bouclier*, edição bilingue grego-francês, texto estabelecido e traduzido por Paul Mazon, Paris, Les Belles Lettres, 1986, 2ª edição, p.36.

3 Para uma interpretação subtil desta sucessão, que acompanhamos em parte, mas não na identificação do Caos com o “vazio” enquanto “pura negatividade”, cf. Jean-Pierre VERNANT, “Cosmogonies et mythes de souveraineté”, in Jean-Pierre VERNANT e Pierre VIDAL-NAQUET, *La Grèce Ancienne. 1. Du mythe à la raison*, pp.116-121.

Capítulo 5

Abertura da Consciência e Mudança de Civilização.

Repensar a Natureza, a Terra e Eros a partir de Hesíodo

Paulo Borges

Quanto ao Caos, a sua natureza é ambivalente, podendo ser interpretado como o que há antes de tudo o mais, mas também como o que aparece como termo primeiro de uma série. No primeiro caso seria a designação da natureza primordial e intemporal, anterior a toda a manifestação, enquanto que no segundo indicaria a primeira figura de uma manifestação sugerida como uma génese progressiva a partir de algo completamente ignoto. Seja como for, *Kháos* em grego tem os sentidos de abismo, do que se escancara completamente, do que é vasto e vazio, derivando da raiz proto-indo-europeia **ghai*, que significa bocejar, abrir a boca, olhar de boca aberta, pasmar, escancaranar-se.

O Caos sugere na obra de Hesíodo um espaço vazio e imensurável, antes de assumir o sentido negativo de “*Confusão universal*”, que lhe é dado pelos Estóicos ⁴ e por Aristóteles ⁵ e que transparece também em *As Metamorfoses* de Ovídio, designando aí a “aparência única” e indistinta da “natureza”, antes da diferenciação do “mar”, da “terra” e do “céu”, como “massa informe e confusa” e “acumulação num mesmo todo de germes díspares dos elementos das coisas, sem ligações entre eles”, antes que “um deus, ajudado pelo progresso da natureza”, separasse, distinguisse e ordenasse esses elementos, dando lugar ao *cosmos* ⁶. É o sentido de *caos* como *confusão* que se estabelece nas línguas europeias a partir do século XVII, também sob a influência do seu uso teológico na Vulgata do *Génese* para traduzir o *tohû bohû* hebraico, o estado de uma terra deserta e vazia ao

4 Cf. Jean-Pierre VERNANT, “Cosmogonies et mythes de souveraineté”, in Jean-Pierre VERNANT e Pierre VIDAL-NAQUET, *La Grèce Ancienne*. 1. *Du mythe à la raison*, Paris, Éditions du Seuil, 1990, p.116.

5 Cf. ARISTÓTELES, *Metafísica*, XII, 7, 1072 a.

6 Cf. OVÍDIO, *Les Métamorphoses*, tradução, introdução e notas de J. Chamonard, Paris, Garnier-Flammarion, 1966, p.41.

ser criada por Deus, antes da posterior diferenciação e ordenação do mundo pelo espírito divino (*Gênesis*, 1, 2).

O *Caos* em Hesíodo não é todavia *confusão*, o que supõe a mistura de elementos previamente existentes e com naturezas distintas, mas sim uma abertura infinita, um espaço vazio sem limites ou contornos. É isso que mostra a sua etimologia, afim à do sânscrito *kha*, que significa espaço vazio e zero ⁷. *Kha*, no *Rig-Veda*, é concretamente o centro vazio da roda onde se insere o eixo ⁸. Dele, e da boa inserção em si do eixo que une as rodas, depende o bom movimento do carro. Sendo a roda um símbolo universal do movimento da vida ⁹, experienciada como via ou viagem, compreende-se que na mesma tradição indiana, hindu e budista, *sukkha*, ou seja, a boa inserção do eixo ou do cubo no centro vazio da roda, designe a felicidade, e *dukkha*, a má inserção, signifique sofrimento ¹⁰. Por analogia, uma vida bem ajustada ao, ou bem centrada no, espaço vazio e infinito que é o âmago de tudo, é uma vida que *corre bem*, ao passo que uma vida mal ajustada ou mal centrada nesse mesmo espaço é uma vida que *corre mal*.

Kha, em sânscrito, significa também zero, cuja invenção, com a consequente revolução do cálculo, ocorreu na Índia. Entre outras palavras sânscritas que também significam zero estão *śūnya*, *pūrṇa*,

7 Cf. FRANCO RENDICH, *Comparative Etymological Dictionary of Classical Indo-European languages. Indo-European - Sanskrit - Greek - Latin*, traduzido por Gordon Davis, CreateSpace Independent Publishing Platform, 2014, 2ª edição revista e aumentada, pp.136-137.

8 Cf. Ananda K. COOMARASWAMY, “*Kha* y otras palabras que significan “cero” en relación con la metafísica india del espacio”, in *El Vedanta y la tradición occidental y otros ensayos*, tradução de Agustín López y María Tabuyo, Madrid, Ediciones Siruela, 2001, p.255.

9 Cf. Jean CHEVALIER / Alain GHEERBRANT, “Roue”, in *Dictionnaire des Symboles*, Paris, Robert Laffont Jupiter, 1990, edição revista e aumentada, pp.826-830.

10 “*Kha* designe em effet le centre vide de la roue d’un char, là où s’emboîte le moyeu. Avec le préfixe négatif *du* (qui existe aussi en grec ancien: dys-harmonie), *dukkha* designe um “mal-aise”, um “mal-être”, plutôt qu’une douleur” – Roger-Pol Droit, *Le Silence du Bouddha et autres questions indiennes*, Paris, Hermann Éditeurs, 2010, p.19.

Capítulo 5

Abertura da Consciência e Mudança de Civilização.

Repensar a Natureza, a Terra e Eros a partir de Hesíodo
Paulo Borges

ākāśa e *ananta*, ou seja, vazio, plenitude, espaço e infinito. Tal como o zero contém todos os números possíveis, assim o vazio implica a plenitude de todas as possibilidades. O espaço sem centro nem periferia é o infinito, o vazio pleno ¹¹. É desse *ākāśa*, o espaço primordial, sem dimensões, que, segundo o *Chāndogya Upanishad*, todos os seres se originam e é para ele que retornam. Segundo o mesmo texto, é por isso que tal espaço infinito é “o objectivo deste mundo” ¹². Esse espaço infinito, matriz de todo o cosmos, não é todavia exterior, sendo antes o “espaço no interior do coração” no qual “tudo está concentrado”, o inteiro macrocosmos ¹³.

Se o *Kháos* greco de Hesíodo e o *kha* dos textos sagrados indianos têm a mesma origem, a imagem *caótica* do Caos, oposta à da ordem cósmica, dissipa-se para desvelar um ilimitado espaço primordial que é o fundo sem fundo de tudo o que nele e a partir dele emerge como espontânea expressão de todas as virtualidades nele contidas. O Caos revela-se um “Chaosmos”, magistral expressão cunhada por James Joyce em *Finnegans Wake*. O Caos mostra-se um vazio fecundo, exuberante dos “dez mil seres”, ou seja, de todos os seres, que continuamente dele emergem e a ele regressam, como se diz no *Tao Te King* de Lao Tsé ¹⁴. Este Caos não deixa de poder ser sinónimo do que outras tradições designam como *Deus*, se pensado para além da entificação do teísmo

11 Cf. Ananda K. COOMARASWAMY, “Kha y otras palabras que significan “cero” en relación con la metafísica india del espacio”, in *El Vedanta y la tradición occidental y otros ensayos*, pp.255-262. Cf. também *Void and Fulness in the Buddhist, Hindu and Christian Traditions. Śūnya – Pūrṇa – Plerōma*, editado por Bettina Bäumer e John R. Dupuche com um discurso conclusivo de s. s. o Dalai Lama, Nova Deli, D. K. Printworld, 2005; Paulo BORGES, *Vazio e Plenitude ou o Mundo às Avessas*, Lisboa, Âncora Editora, 2018, pp.12-14.

12 Cf. *Chāndogya Upanishad*, I, IX, 1, in R. C. ZAEHNER, *Hindu Scriptures*, traduzido e editado por R. C. Zaehner, Londres, Everyman's Library, 1992, p.105.

13 Cf. *Ibid.*, VIII, I, 3, p.155.

14 Cf. Lao TSE, *Tao Te King*, XVI, 1, traduzido e comentado por Marcel Conche, Paris, PUF, 2005, p.119.

metafísico-teológico como o puro infinito, consoante *O Livro dos xxiv Filósofos*: “Deus est sphaera infinita cuius centrum est ubique, circumferentia vero nusquam” (“Deus é a esfera infinita cujo centro está em todo o lado e a circunferência em lado algum”) ¹⁵. Nesse sentido Eudoro de Sousa o alegorizou como “Excessividade Caótica” ¹⁶.

Note-se que Ovídio identifica o Caos com a “natureza” no estado primordial. A *natura* latina é a *physis* grega, que é o tema central do pensamento pré-socrático e que num hino órfico surge enaltecida como “imortal, primigénia”, “autoengendrada” e “criadora de todas as coisas”, sendo “vida eterna” que se renova pelas suas “mudanças de forma”. Só ela é “tudo”, pois só ela produz tudo¹⁷. A *physis* dos primeiros filósofos gregos é em geral interpretada como tendo três sentidos relacionados: 1) substância primordial ou principal, *arché*; 2) processo de surgimento/crescimento ou *gênesis*; 3) princípio interno organizador e estruturante ¹⁸. *Physis* vem do verbo *phúein*, com o sentido de “crescer” ou “fazer crescer”¹⁹. Heidegger viu-a como um processo de auto-expansão, de manifestação e abertura, de aparição ²⁰. Enquanto tal, configura o

15 Cf. *Le Livre des xxiv Philosophes*, traduzido do latim, editado e anotado por Françoise Hudry, prefácio de Marc Richir, Grenoble, Éditions Jerome Millon, 1989, pp. 93 e 95.

16 Cf. Eudoro de SOUSA, *Mitologia*, in *Mitologia. História e Mito*, apresentação de Constança Marcondes César, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2004, pp.52-53.

17 Cf. “Hino X”, in PORFÍRIO, *Vida de Pitágoras. Argonáuticas Órficas. Himnos Órficos*, introduções, traduções e notas de Miguel Períago Lorente, Madrid, Editorial Gredos, 1987, pp.175-176.

18 Cf. F. E. PETERS, *Termos Filosóficos Gregos. Um léxico histórico*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, prefácio de Miguel Baptista Pereira, tradução de Beatriz Rodrigues Rosa, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1977, pp.189-190.

19 Cf. Marlène ZARADER, *Heidegger et les Paroles de L'Origine*, prefácio de Emmanuel Lévinas, Paris, J. Vrin, 1990, p.35.

20 Cf. Martin HEIDEGGER, *Introduction à la Métaphysique*, traduzido do alemão e apresentado por Gilbert Kahn, Paris, Gallimard, 1985, p.26.

Capítulo 5

Abertura da Consciência e Mudança de Civilização.

Repensar a Natureza, a Terra e Eros a partir de Hesíodo
Paulo Borges

modo pelo qual o “ser” foi pensado na aurora da filosofia ocidental, sendo essa mesma abertura, ou “eclosão no aberto”, mas que simultaneamente se recolhe e retira – “A *physis* gosta de se ocultar”, diz Heraclito ²¹ -, o que em grego se designou como *a-létheia*, verdade, *des-velamento*, processo assim originalmente inerente ao ser e não ao seu conhecimento humano ²². É todavia neste processo que se constitui tudo e do qual tudo depende, mesmo as actividades do *homo sapiens* e *faber* que mais parecem opor-se à natureza, como a cultura e a civilização tecnocientíficas com a economia capitalista e a nova religião ou superstição do trabalho, da produção, do consumo e do crescimento económico ilimitado.

O *Kháos* em Hesíodo, o espaço vazio e infinito, pode ver-se assim como a própria *physis*, a natureza primordial na sua abertura genesíaca, e esta por sua vez como o ser no seu *des-velamento* tensional, no seu mostrar-se ocultando-se, pois ao manifestar-se assume múltiplas formas que se configuram no fundo informe e insubstancial de não-manifestação que deste modo tendem a encobrir e dissimular, na medida em que a consciência que as percepçiona se fixe nos contornos que aparentemente as individualizam, distinguem e separam umas das outras e não veja que em todas elas sempre transparece o mesmo vazio. Ou seja, que, como no exemplo do *Tao Te King*, a forma de um vaso é feita tanto de matéria – *yu*, o que há - como do vazio interno e externo – *wu*, o que não há - no qual se constitui e que lhe confere a funcionalidade de recipiente ²³. Vazio e formas são indissociáveis, como o

21 Cf. HERACLITO, *Fragments*, 69, texto estabelecido, traduzido e comentado por Marcel Conche, Paris, PUF, 1987, 2ª edição, p.253.

22 Cf. Id., “Ce qu’est et comment se determine la Physis”, in *Questions II*, traduzido por François Fédier, Paris, Gallimard, 1987, pp.274 e 276.

23 Cf. Lao TSE, *Tao Te King*, II, 2 e XI, pp. 47 e 93.

verso e o reverso de toda a realidade. Como diz o *Prajña Paramita Sutra* budista: “As formas são vazias; a vacuidade, ela mesma, é as formas; a vacuidade não é diferente das formas; as formas não são diferentes da vacuidade”²⁴. O cosmos é um *caosmos*.

Mas qual a aparição que surge no fundo sem fundo do *Kháos*? O texto de Hesíodo é claro: “Então, antes de tudo, foi o Caos; depois Gaia de largos flancos, fundamento seguro para sempre oferecido a todos os viventes (...)”²⁵. A primeira epifania do *Kháos* é Gaia, a Terra, que representa o surgimento no infinito de uma base de apoio e sustento para todas as formas de vida. Gaia é a forma do infinito e assim a forma de todas as formas. Gaia é a mitopoética expressão do fundo universal do ser, o *Grunt* da mística e da metafísica de Mestre Eckhart, que, enquanto inscrito ou *in-fundado* no Caos ou Infinito primordial, é ele mesmo *Abgrund*, abismo, ou *Ungrund*, não-fundo, sem deixar de ser *Urgrund*, fundo primordial²⁶. Gaia, a Terra, é a forma do informe e o fundo sem fundo ou o insustentado sustento de tudo, sendo indissociável do Caos onde surge e de todos os viventes de que é matriz e nutriz. Gaia, a Terra, “de largos flancos”, é a figura mais arcaica do sagrado e do divino, antes do imaginário indo-europeu ter concebido os deuses e Deus - conforme a sua etimologia na raiz indo-europeia *dei-*, que

24 Cf. *Soûtra du Coeur de la Connaissance Transcendante*, in *Soûtra du Diamant et autres soûtras de la Voie médiane*, traduções do tibetano por Philippe Cornu, do chinês e do sânscrito por Patrick Carré, Paris, Fayard, 2001, p.88.

25 Cf. HESÍODO, *Teogonia*, 116-122. Seguimos a tradução de Paul Mazon, com exceção da designação das três instâncias iniciais, onde mantivemos os termos gregos, em vez de “Abismo”, “Terra” e “Amor”: HESÍODO, *Théogonie*, in *Théogonie / Les Travaux et les Jours / Le Bouclier*, edição bilingue grego-francês, texto estabelecido e traduzido por Paul Mazon, Paris, Les Belles Lettres, 1986, 2ª edição, p.36.

26 Cf. Meister ECKHART, *Predigten*, 52, traduzido por Joseph Quint, editado e comentado por Niklaus Largier, Frankfurt sobre o Meno, Deutscher Klassiker Verlag, 2008, p.555. Cf. Martin HEIDEGGER, *Introduction à la Métaphysique*, p.15.

Capítulo 5

Abertura da Consciência e Mudança de Civilização.

Repensar a Natureza, a Terra e Eros a partir de Hesíodo

Paulo Borges

designa “tudo o que brilha” - afins à luminosidade do céu aberto ou dos astros ²⁷ e com forma masculina. Gaia, a Terra, é a figura da arcaica Grande Deusa-Mãe que gera, acolhe, sustenta e nutre “todos os viventes” ²⁸. Não um princípio transcendente que governa um universo hierárquico, como nas metafísicas e teologias de matriz indo-europeia, mas um fundo sem fundo imanente que abraça igualmente todas as formas de vida, sem criar ou considerar alguma espécie como mais próxima de si ou à sua “imagem” e “semelhança”, como o Deus bíblico em relação à humanidade (*Génesis*, 1, 26-27). Gaia não é um princípio constitutivo, arquitetónico e governativo que condicione os viventes a existirem num determinado modo, função e posição, e que julgue recompensando ou punindo a fidelidade ou transgressão da sua ordenação do mundo – como no imaginário metafísico-religioso, de inspiração político-jurídica, preponderante no Ocidente - , mas uma matriz que deixa livremente ser e fluir tudo o que dela emerge, como o “grande Tao” no qual “todos os seres se apoiam (...) para viver” e jamais pretende ser o “seu senhor” ²⁹. Tendo como *arché* o *Kháos*, o *caosmos* é uma ordem *an-árquica*, que emerge espontaneamente da livre *autopoiesis* dos viventes.

Uma outra versão dos versos 118 e 119 da *Teogonia* de Hesíodo pode ler-se como ilustrativa da abrangência de Gaia ao designá-la como “fundamento seguro para sempre oferecido a todos

27 Cf. Odon VALLET, *Petit lexique des mots essentiels*, Paris, Albin Michel, 2007, pp.63-64. Veja-se uma exposição condensada das mais importantes referências e obras sobre esta questão em Carlos H. do Carmo SILVA, “Divina perfeição na sabedoria pré-socrática – da teogonia mítica a uma dramática ideal do *theós*”, in AAVV, *A Questão de Deus na História da Filosofia*, I, coordenação de Maria Leonor L. O. Xavier, Sintra, Zéfiro, 2008, p.33, nota 68.

28 Cf. Marija GIMBUTAS, *The Language of the Goddess*, prefácio de Joseph Campbell, Nova Iorque, HarperCollins, 1991.

29 Cf. Lao TSE, *Tao Te King*, xxxiv, p.197.

os Imortais, mestres dos cimos do Olimpo nevado, e (a)o Tártaro brumoso, mesmo no fundo da terra de largos caminhos”³⁰. Gaia é o assento de “todos os viventes”, desde os divinos habitantes do Olimpo aos que habitam nas profundezas ctónicas da Terra. Gaia é o solo e a raiz de todos, que nela se unificam e comungam da ilimitação, pois emergem de uma Terra caós-mica, cujo íntimo é o Caos, o espaço infinito, vazio e sem forma, sem início nem fim.

Filhos do Caosmos, todos os viventes são igualmente caós-micos. Enraizados no fundo sem fundo, ou seja, no infinito, contêm em si todas as infinitas possibilidades que nele se implicam e se manifestam ou explicam (para usar a linguagem de Nicolau de Cusa) na infinitude do multiverso ou cosmos aparente. Neste sentido, são *microcaosmos* que também contêm o *macrocaosmos*, partes que não só se inserem no todo, mas que também o contêm em si. São *hólons*, num sentido diverso daquele concebido por Arthur Koestler³¹, pois não só são totalidades integradas em totalidades mais inclusivas, como incluem ainda, na medida em que a sua natureza primordial é o infinito, a macro-totalidade. Cada vivente assume assim uma dignidade infinita, sendo um ícone do infinito e da totalidade, bem como da criatividade ilimitada que entre um e outro se processa. Cada vivente é assim menos um ente, ou uma mónada sem portas nem janelas, como na visão de Leibniz, do que um processo caós-mico de metamorfose, sempre em aberto e em osmose com todos os demais viventes e fenómenos caós-micos.

Se o *Kháos* é a Natureza e Gaia é a Terra, esta Natureza e esta Terra não são obviamente redutíveis à “Natureza” e à “Terra” objectivadas pelas ciências naturais, bem como à “Natureza” e à “Terra”

30 Cf. HESÍODO, Teogonia, variante dos versos 118-119 indicada em *Théogonie / Les Travaux et les Jours / Le Bouclier*, p.36, nota 2.

31 Cf. ARTHUR KOESTLER, *The Ghost in the Machine*, Last Century Media, 1982.

Capítulo 5

Abertura da Consciência e Mudança de Civilização.
Repensar a Natureza, a Terra e Eros a partir de Hesíodo
Paulo Borges

objecto das intenções predatórias dos adeptos do crescimento económico infinito ou das boas intenções preservadoras da maioria dos ecologistas e ambientalistas. *Kháos/Gaia* ou *Natureza/Terra* são infinitamente mais do que o mundo natural e o planeta onde mais imediata e obviamente habitamos, que são apenas as suas objectivações pela mente que se limita ao ignorar que a sua natureza profunda é o próprio espaço primordial e ao imaginar-se um sujeito que assim se autocentra como um observador que se coloca fora do que vê, criando em função do seu aparelho conceptual e categorial objectos ficticiamente separados de si e uns dos outros na mesma medida em que deixa de ver em tudo, incluindo em si, o infinito, a metamorfose e a totalidade. *Kháos/Gaia* ou *Natureza/Terra* são todavia, para além das perspectivas sempre limitadas dos organismos vivos que diferenciadamente as percebem e objectivam, as inseparáveis polaridades do Infinito entreaberto em todas as suas experiências e manifestações possíveis. *Kháos/Gaia* ou *Natureza/Terra* são a Vida oculta e patente em todas as vidas. A esta Vida chama Hesíodo Eros.

Eros é para o poeta grego a mais bela das divindades e aquela que domina todos os viventes, mesmo os que, como os deuses e os humanos, usufruem do “sábio querer”, ou seja, de uma vontade racional. Hesíodo diz que Eros “domina o coração” e “desfaz os membros” de todos, expressões fortes do seu poder de dissolver, a partir do íntimo, não só a tendência de cada vivente para o autocentramento, mas ainda a sua própria individuação e unidade interna. Eros é por excelência a potência do Amor que descentra do mesmo para o outro e do idêntico para o diferente ³², a potência de alteração e metamorfose, a potência que desmembra, desorganiza e abre as vidas que se pretendem enclausurar, subvertendo o desejo de

32 Cf. Byung-Chul HAN, *A Agonia de Eros*, tradução de Miguel Serras Pereira, Lisboa, Relógio de Água, 2014, pp.9-10.

conservação, segurança, controlo, produção e consumo na abertura ao que surge como desconhecido, perigoso, imprevisível, incontroável, improdutivo e inconsumível: ou seja, a própria Vida. Eros, emergindo a seguir a *Kháos* e Gaia, é a irrupção da natureza infinita e caósica de todos os vivos a impulsioná-los para viverem na grande Abertura sem contornos, subvertendo a tentação de se imaginarem centros do espaço que o não tem e assim se fecharem na forma da individuação e no falso conforto e segurança da finitude.

Eros, mais do que um vivo, é a Vida, a dinâmica amorosa do próprio caosmos, a força do infinito que circula em todos os vivos e os comove num desejo passionai, consciente ou inconsciente, de abertura ao Infinito dos possíveis que cada um traz em si, pois cada um, na medida em que radica no *Kháos*, abriga em si não só todos os demais vivos, mas ainda todas as possibilidades em aberto de manifestação e realização. Eros é a potência amorosa do vazio informe que vence a sua própria distorção no desejo autocentrado, egocêntrico e possessivo, desvelando na forma de cada vivo um ímpeto de verdade, ou seja, de *des-velamento* do infinito que há em si, em constante autotranscendência e metamorfose. Tudo no fundo é Eros, porque Eros – o Eros de olhos e asas bem abertos da sua primeira iconografia na cultura clássica ³³ – é a *ex-uberância* festiva do Infinito ou *Kháos* primordial, sem porquê nem para quê. Reconhecendo-se, o desejo abre asas para o superabundante infinito que é. Não se reconhecendo, imagina-se um sujeito carente, distinto desse mesmo infinito, que todavia o procura buscando satisfazer-se infinitamente em objectos e experiências finitos, que não podem senão deixá-lo cada vez mais insaciado, pois neles deseja

33 “Raras vezes foi referido como cego na literatura clássica e nunca foi representado como cego na arte clássica” – Erwin PANOFKY, *Estudos de Iconologia. Temas humanísticos na arte do renascimento*, Lisboa, Editorial Estampa, 1995, 2ª edição, p.91.

Capítulo 5

Abertura da Consciência e Mudança de Civilização.

Repensar a Natureza, a Terra e Eros a partir de Hesíodo

Paulo Borges

sempre mais do que tudo o que neles pode encontrar, uma vez que sem o saber só deseja o infinito que é. Reconhecendo-se, Eros é a Vida sem medo, a experiência aberta ao Infinito em todas as formas e modalidades possíveis, o ser e “sentir tudo de todas as maneiras” de Fernando Pessoa / Álvaro de Campos ³⁴. Não se reconhecendo, Eros torna-se o Cupido de olhos vendados e asas curtas, tanto mais fascinado pelo domínio e posse de um mundo de entes-objects quanto mais dominado pelo medo de si, o medo do Infinito que é.

O auto-desconhecimento de Eros-Amor e a sua mutação em desejo possessivo é o que domina deuses, titãs e humanos no mundo cuja história Hesíodo continua a contar, com as eras da decadência humana narradas em *Os Trabalhos e os Dias* ³⁵. Este mundo é o nosso, esta história é a nossa. Este mundo, do desejo cego e confundido, em que o espaço infinito, desprovido de centro e periferia – Aristóteles nota que “o infinito não tem centro” ³⁶ –, se povoa de subjectividades autocentradas dominadas pelo desejo possessivo, é aquele que Luís de Camões descreveu como um “mundo rebelde” contra o Amor, pois o que o governa são os “erros grandes” de se amar “coisas que nos foram dadas, não para ser amadas, mas usadas” ³⁷. Mas as intenções e o discurso

34 “Sentir tudo de todas as maneiras, / Viver tudo de todos os lados, / Ser a mesma coisa de todos os modos possíveis ao mesmo tempo” - Álvaro de CAMPOS, in Fernando PESSOA, *Obras*, I, introduções, organização, biobibliografia e notas de António Quadros e Dalila Pereira da Costa, Porto, Lello & Irmão – Editores, 1986, p.933; “Sentir tudo de todas as maneiras, / Ter todas as opiniões” – *Ibid.*, p.938; “Sentir tudo de todas as maneiras. / Sentir tudo excessivamente, / Porque todas as coisas são, em verdade, excessivas” – *Ibid.*, p.1024. Cf. também a poesia ortónima: “Deixo ao cego e ao surdo / A alma com fronteiras, / Que eu quero sentir tudo / De todas as maneiras” – Fernando PESSOA, *Ibid.*, p.282; “Ah sentir tudo de todos os feitos!” – *Ibid.*, p.302.

35 Cf. HESÍODO, *Théogonie / Les Travaux et les Jours / Le Bouclier*, pp.90-93.

36 ARISTÓTELES, *De Caelo*, I, 7 275b 10.

37 Cf. Luís de CAMÕES, *Os Lusíadas*, IX, xxv, in *Obras*, Porto, Lello & Irmão – Editores, 1970, p.1344 (actualizámos a ortografia). Cf. Paulo BORGES, “Eros e iniciação em Luís de camões. De Portugal à Ilha dos Amores”, in *Uma Visão Armilar do Mundo. A vocação universal de Portugal em Luís de camões*, Padre António Vieira, Teixeira de Pascoas e Agostinho da Silva, Lisboa, Verbo, 2010, pp.15-41.

ético-morais, para não falar das medidas jurídico-político-económicas, embora positivas e desejáveis, são sempre impotentes ou insuficientes para inverter esta situação, que está na raiz da crise ambiental e civilizacional contemporânea, pois a mais funda raiz desta perversão do desejo pela sua fixação ávida na finitude é a perda do sentido do Eros primordial que, como vimos, é a paixão da vida aberta no “*chásma méga*”, no “grande abismo” sem fundo de Hesíodo ³⁸, ou seja, no infinito. Na verdade, a mera reacção à crise ambiental e civilizacional apenas a prolonga, na medida em que se situa ao seu estreito nível e, não a perspectivando num horizonte mais amplo, mantém o obscurecimento da consciência que assim se auto-impede de se converter num novo começo. Se bem que haja que preservar o que puder ser preservado do mundo natural, da Terra, da biodiversidade e dos recursos naturais, e para tal investir no decrescimento económico, na sociedade de abundância frugal ou na prosperidade sem crescimento propostos, entre outros, por Serge Latouche e Tim Jackson, o que verdadeiramente urge, até como condição para tal, é uma mudança das raízes da actual civilização que só pode vir de uma mutação radical da consciência ou do regime de experiência e percepção da chamada realidade, que traga às mentes a paz, a simplicidade e a plenitude inerentes à redescoberta da felicidade e do prazer de ser, cujo esquecimento se traduz na avidez e na beligerância que estão a devastar a Terra.

Essa mutação só pode emergir da reorientação da consciência para o infinito, reconhecendo-o como a natureza aberta e comum de todos os seres e fenómenos, o fundo sem fundo que somos antes da clivagem da experiência em eu e outro e sujeito

38 Cf. HESÍODO, *Théogonie*, 739-740, in *Théogonie / Les Travaux et les Jours / Le Bouclier*, p.58.

Capítulo 5

Abertura da Consciência e Mudança de Civilização.
Repensar a Natureza, a Terra e Eros a partir de Hesíodo
Paulo Borges

e objecto ³⁹, raiz de todo o medo, avidez, possessividade e agressão. Essa é a grande alternativa à cultura socialmente dominante, transmitida pelas famílias, instituições pedagógicas, empresas e Estado, a cultura da *normose*, a patologia da normalidade ⁴⁰, que impregna avassaladoramente a percepção de si e do mundo. Nela a consciência autocondiciona-se ao ficcionar-se como e identificar-se com um “eu” / *self* supostamente substancial, existente em si e por si, imaginado algures por trás dos olhos, dentro do crânio, ou como o habitante e possuidor do corpo, que usaria como veículo para se deslocar num mundo supostamente exterior ⁴¹. Este suposto pensador por detrás dos pensamentos e agente por detrás das acções, que todavia com eles se identifica, vê-se como algo ou alguém separado do mundo, representando-se como um centro de perspectivas, interesses e desejos que o tornam refém de pensamentos movidos por emoções como medo, insegurança, avidez, possessividade, apego, defesa e agressão que dessa mesma ficção de separação resultam e que são a incontornável raiz psicológica da crise ambiental e civilizacional, gerando as multidões de produtores-consumidores-predadores insaciáveis que são a verdadeira base de apoio sem a

39 “Fundamentalmente há apenas espaço aberto, o *campo fundamental*, o que realmente somos. O nosso mais essencial estado da mente, antes da criação do ego, é tal que há aí uma abertura fundamental, uma liberdade fundamental, uma qualidade espaçosa; e temos agora e sempre tivemos esta abertura” – Chögyam TRUNGPA, *Cutting Through Spiritual Materialism*, prefácio de Sakyong Mipham, editado por John Baker e Marvin Kasper, ilustrado por Glen Eddy, Boston / Londres, Shambhala, 2002, p.122;

40 Cf. Pierre WEIL, Jean-Yves LELOUP, Roberto CREMA, *Normose. A patologia da normalidade*, Petrópolis, Editora Vozes, 2011, 3ª edição.

41 Cf. Sam HARRIS, *Waking Up. Searching for spirituality without religion*, Londres, Black Swan, 2015, p.92. Cf. também Loch KELLY, *Shift into Freedom. The Science and Practice of Open-Hearted Awareness*, Boulder, Sound True, 2015, p.16.

qual não seria possível a devastação do mundo pela tecnociência ao serviço da política económica mundial.

Esta generalizada confusão da consciência com o ego, legitimada pela cultura dominante, que se desvela assim como a causa principal da iminência de colapso ecológico – tanto mais grave e operativa quanto menos reconhecida –, não parece todavia resistir a um honesto exame reflexivo e de auto-análise, mais fácil se a mente estiver livre da sua habitual dispersão e distração mediante o treino na introspecção e quietude meditativa. Seja como for, um exercício simples possibilita que cada um possa fazer por si esta verificação. Se reorientarmos, neste preciso momento, o fluxo da nossa atenção dos objectos nos quais está habitualmente envolvido – seja de modo disperso ou concentrado e sejam objectos dos sentidos externos, como formas visuais ou auditivas, ou do sentido interno, como pensamentos, imagens e emoções – para si mesmo e para a sua fonte, se reorientarmos o fluxo da atenção para o que habitualmente concebemos como o seu sujeito, o chamado “eu”, o que parece acontecer é que este não se encontra como uma entidade definida, isolada e separada, que tenha forma, localização e outras características identificáveis e objectiváveis. Ao operarmos esta *re-flexão*, ou seja, etimologicamente, este regresso a si, este virar-se para si, o que experimentamos – em vez do “eu” em geral imaginado como o observador situado por detrás dos olhos no interior do crânio – é um não-objecto, a ausência de qualquer sujeito entificado, um espaço aberto sem forma e sem contornos: o não-ente, a não-coisa e o não-eu indicados no inglês *no-thing*, no francês *né-ant*, no italiano *ni-ente* e no alemão *N-ichts*. Impedindo contudo uma visão niilista, há uma experiência disto, há uma consciência deste espaço que no fundo é o espaço da própria consciência, há a experiência desta ausência de forma ser ao mesmo tempo

Capítulo 5

Abertura da Consciência e Mudança de Civilização.
Repensar a Natureza, a Terra e Eros a partir de Hesíodo
Paulo Borges

uma presença autoconsciente que não se configura nem fixa em qualquer subjectividade ou objectividade externa ou interna, sendo antes uma imensa abertura que acolhe, sem juízos e antes de qualquer conceptualização, todos os fenómenos emergentes em contínua mutação. O sentimento ou sensação de se ser este espaço aberto e ilimitado, este fundo sem fundo informe, vazio e por isso omnipresente e omni-abrangente, no qual todo o mundo aparece ⁴², é precisamente a *experiência cósmica de si*. Procurar-se a si mesmo, na reversão de todas as operações da consciência ao seu imo, é não se encontrar, tentar ver-se a si mesmo é não se ver, *mas este não se encontrar e não se ver, como algo ou alguém definido, delimitado e determinado, é precisamente o ver-se e o encontrar-se como um espaço sem dimensões*, com uma profundidade e amplitude ilimitadas em termos de experiência e consciência. Esta experiência de si como abertura sem contornos, anterior e alheia à clivagem eu-outro ou sujeito-objecto, é uma experiência de si como um abismo autoconsciente e exuberante de todas as possibilidades, um nada que é tudo, como diria Agostinho da Silva, ou um vazio pleno, na nossa proposta ⁴³. Nesta reversão do conceito egocêntrico de si à experiência zerocêntrica, holística e cósmica de si, nesta conversão do conceito de si-mesmo como distinto do outro à experiência de si como simultaneamente livre da distinção mesmo-outro e inclusivo de todas as suas modalidades, dá-se uma mutação do regime da consciência, do conceptual-representativo, discursivo e objectivante para o da silenciosa experiência directa de um fundo sem fundo onde emergem todas as formas

42 Cf. D. E. HARDING, *On Having No Head. Zen and the Rediscovery of the Obvious*, Londres, The Shollond Trust, 2014, pp.2 e 23-24.

43 Cf. Paulo BORGES, *Vazio e Plenitude ou o Mundo às Avessas. Estudos e ensaios sobre espiritualidade, religião, diálogo inter-religioso e encontro trans-religioso*, Lisboa, Âncora Editora, 2018.

e dinamismos fenomenais, inseparavelmente internos e externos, tanto pensamentos, imagens, palavras, emoções e volições, quanto as indissociáveis percepções dos objectos e devires do mundo. Nesta reversão a consciência experiencia-se como espaço aberto sem contornos, a consciência descobre-se e sente-se intimamente os próprios infinito, totalidade e vida exuberante que Hesíodo mitopoeticamente referiu como Kháos, Gaia e Eros, embora em última instância esta vivência seja irredutível a todos os conteúdos e determinações, sejam conceitos, palavras ou imagens, incluindo estes que apofaticamente usamos para tentar liminarmente indicar a experiên-humano. e si que habita o imo de cada ser, humano ou namente estes que usamos para tentar expressar uma ncia ine-fável que habita, reconhecida ou não, o imo de todos e cada um dos viventes e sencientes, humanos ou não-humanos.

A esta luz, em vez de combater o quer que seja, a alternativa à crise do Antropoceno e a possibilidade de um novo começo residem primeiro que tudo em promover pela positiva uma cultura da consciência como o espaço de experiência ilimitada e frutiva onde todos os fenómenos aparentemente subjectivos e objectivos se manifestam. Uma cultura reorientada, segundo o dizer de Rilke na “Oitava Elegia”, da “Forma (*Gestaltung*)” para o “Aberto” (*das Offene*), para esse “puro espaço” que não se reduz ao “mundo” de entidades e objectos para o qual a educação nos volta, afastando-nos do “Aberto” do qual o poeta via mais próximos o animal, a criança, os amantes e os que morrem ⁴⁴. Em vez de uma cultura da clausura numa concepção atômica, substancial, monádica, entificada, reificada e objectivada do real, do si e do mundo, trata-se de promover uma cultura da experiência da chamada realidade como

44 Cf. Reiner Maria RILKE, “A Oitava Elegia”, in *As Elegias de Duíno*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2002, p.91.

Capítulo 5

Abertura da Consciência e Mudança de Civilização.
Repensar a Natureza, a Terra e Eros a partir de Hesíodo
Paulo Borges

um espaço informe e aberto, caósmico, erótico e osmótico, interdependente e interpenetrado, polimórfico, proteico e metamórfico, que na esfera do si ecoe a interrogação de Bernardo Soares no *Livro do Desassossego*: “Conhece alguém as fronteiras à sua alma, para que possa dizer - eu sou eu ?”⁴⁵. No que respeita à situação ambiental contemporânea, eixo da crise civilizacional, a alternativa passa por remover a consciência da fixação num ideal acerca do que o mundo deve ser e por consequência nos aspectos aparentemente negativos do estado do mundo natural e da Terra, o que reflecte ainda a expectativa humana de que a realidade se conforme aos nossos desejos e interesses enquanto sujeitos supostamente separados do processo do mundo, para a abrir ao mesmo infinito espaço caósmico vislumbrado por Hesíodo que é o da Natureza e da Terra a manifestarem-se tal como são, alheias às ficções da consciência, perspectivas e interesses de qualquer organismo psicofisiológico individuado e autocentrado, humano ou não-humano. Aberta a consciência a esse espaço que no fundo é o do seu próprio fundo sem fundo, pode reconhecer-se e experienciar-se que Caos/Gaia, ou seja, Natureza/Terra, são um processo de mutação e metamorfose erótica onde tudo interdepende e se interpenetra em função das mutações e metamorfoses de cada um e de todos os viventes, sendo por isso tão imprevisível, incontrollável e indomesticável quanto estes. Visto a este luz, tudo o que emerge na imensidão do Caos ou Natureza primordial é dela inseparável e transcende todos os conceitos e juízos, como os de bem e mal, que em termos bíblicos só surgem com a transgressão do interdito de comer da árvore do conhecimento do bem e do mal, gerando o obscurecimento ou exílio do estado edénico da consciência (*Génese*, 3, 1-7).

45 Cf. *Ibid.*, p.823.

O que Hesíodo designou como Caos é o Infinito omni-englobante que as tradições espirituais da humanidade designam de modos diversos mas convergentes e que agora, mediante o exercício atrás sugerido, podemos experiencialmente comprovar como a natureza primordial da própria consciência, irreduzível aos seus estados, conteúdos e determinações psicológicos. Um mestre budista contemporâneo sugere-o assim:

“(…) uma vasta abertura que não é uma coisa em si mesma, mas antes um fundo infinito e não-caracterizado contra o qual e através do qual galáxias, estrelas, planetas, animais, seres humanos, rios, árvores, etc., aparecem e se movem. (...) A vacuidade, ou infinita possibilidade, é a natureza *absoluta* da realidade. Tudo o que surge da vacuidade – estrelas, galáxias, pessoas, mesas, lâmpadas, relógios e mesmo a nossa percepção de tempo e de espaço – é uma expressão *relativa* da infinita possibilidade, uma aparência momentânea no contexto de tempo e espaço infinitos”⁴⁶.

Um mestre cristão contemporâneo vai no mesmo sentido, usando outra linguagem, ao dizer:

“[...] a experiência desta identidade-fundo que é uma com Deus será registada na nossa percepção, se na verdade se regista, como uma experiência de nenhuma coisa particular, um grande e fluente abismo, um fundo sem fundo. Para aqueles que só conhecem a mente discursiva, isto pode parecer um terror que lida com a morte ou uma vertigem giratória. Mas, para aqueles cuja

⁴⁶ MINGYUR RINPOCHE (e ERIC SWANSON), *The Joy of Living. Unlocking the secret and science of happiness*, prefácio de Daniel Goleman, Londres, Bantam Books, 2009, p.63.

Capítulo 5

Abertura da Consciência e Mudança de Civilização.
Repensar a Natureza, a Terra e Eros a partir de Hesíodo
Paulo Borges

mente se dilatou numa mente-corção, é um encontro transbordante com o fluxo da vasta e aberta vacuidade que é o fundo de tudo. Esta “não coisa” [“no thing”], esta vacuidade, não é uma ausência, mas uma superabundância”⁴⁷.

Inúmeros exemplos poderiam ser dados de outras sabedorias e tradições, mostrando a convergência da experiência do Infinito para além da divergência das doutrinas filosófico-teológicas.

Se esta vacuidade tudo engloba como sua manifestação, e se esta vacuidade em manifestação é o *caosmos* e a Natureza-Terra original, isto inclui o que no actual ciclo da mente humana se conceptualiza, distingue e muitas vezes se opõe como natureza e cultura, natureza e civilização, humanidade e mundo, humanos e animais, sabedoria e tecnociência, comunitarismo e capitalismo, preservação e destruição do ambiente, etc. Ou seja, isto inclui o Antropoceno, as alterações climáticas, a destruição da biodiversidade, a poluição e esgotamento dos recursos, etc., como outras tantas epifanias de um *Kháos*-Gaia em constante mutação e metamorfose interdependentes das acções dos viventes. Tudo isto ocorre no imenso espaço que somos, tudo isto é o que somos e devemos a cada instante. Proteja-se pois e preserve-se tudo o que se puder proteger e preservar, em nome do bem relativo e sempre impermanente de todas as espécies de seres vivos, não só dos humanos, mas acima de tudo proteja-se e preserve-se a experiência aberta, trans-conceptual e não-judicativa, e a consciência de que, aconteça o que acontecer a nível relativo, tudo está sempre bem a nível absoluto, pois o *caosmos* é a Grande Perfeição que intemporalmente

47 Martin LAIRD, *Into the Silent Land. The Practice of Contemplation*, Londres, Darton, Logman and Todd, 2009, p.14.

unifica e transcende todos os contrários e isso é a natureza inviolável de todo e de cada vivente. Esta abertura da consciência traz já em si a mudança de civilização, que convida a refundar o modo humano de habitar o mundo na experiência contemplativa do infinito e da totalidade e na amorosa comunhão inter-espécies que nela se abre. É para isso que desde sempre apontam os olhos e as asas do Eros iluminado.

Capítulo 5

Abertura da Consciência e Mudança de Civilização.
Repensar a Natureza, a Terra e Eros a partir de Hesíodo
Paulo Borges

